

“THE MUSHROOM AT THE END OF THE WORLD: ON THE POSSIBILITY OF LIFE IN CAPITALIST RUINS”, POR ANNA LOWENHAUPT TSINGⁱ

MARGARIDA MADEIRA¹ 

XAVIER FERREIRA¹ 

I. INTRODUÇÃO

A presente recensão centra-se na obra da antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing. A autora é professora no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia em Santa Cruz e tem sido reconhecida, ao longo da sua carreira, pelas suas contribuições para o enriquecimento de várias áreas do saber, tais como, as humanidades, as ciências sociais, as artes e as ciências naturais. O seu conhecimento e investigação, atribuem um carácter holístico ao presente livro.

Através de uma escrita criativa e integrada, a autora tem a capacidade de relacionar diferentes campos de interação da relação Humano-Natureza, que contribuem para o entendimento da sociedade e das relações sociais que se desenvolvem, com ênfase na questão da precariedade que assombra o estilo de vida atual.

A escrita criativa da autora transporta-nos para o meio de florestas em busca do cogumelo *Matsutake*, passando pela China, Japão, América do Norte e Finlândia, com o objetivo de sensibilizar o leitor para o processo regressivo da sociedade como um todo. Sempre com uma conotação positiva em relação ao presente e ao futuro, acreditando que é possível prosperar num mundo capitalista, criando, ou reforçando, uma aliança com a Natureza e emendando os erros do passado, fá-lo através da perspetiva de um cogumelo, contando histórias dos seus intermediários, que se desenvolvem em florestas destruídas e com claros sinais de influência antrópica.

A obra encontra-se estruturada em quatro partes, nas quais se desenvolve uma coletânea de entrevistas, memórias pessoais e histórias relatadas segundo a perspetiva da autora durante os anos da investigação que desenvolveu entre 2004 e 2011. Os capítulos são curtos e sem um encadeamento lógico aparente, uma provocação da autora que remete muitas vezes para um ato de reflexão e sensibilização sobre questões éticas e sobre a sociedade.

Recebido: 04/06/2022. Aceite: 22/06/2022. Publicado: 01/08/2022.

¹ Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, R. Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa, Portugal.

E-mail: anamadeira@edu.ulisboa.pt; xavier.f.ferreira@edu.ulisboa.pt

Nesta recensão procura-se elaborar uma análise crítica do livro, ao mesmo tempo que se expõem as principais ideias desenvolvidas, dando a entender como pode a sociedade coabitar com o ambiente, mesmo em momentos de ruína e colapso ecológico provocados pela busca incessante do “mais e melhor” que o capitalismo tanto celebra. Após esta introdução, a secção II desenvolve-se sobre as relações entre espécies, enquanto a secção III nos remete para questões de precariedade e Liberdade. Por último, na secção IV, aborda-se a questão do capitalismo seguindo a perspectiva do cogumelo *Matsutake*, protagonista desta história reflexiva e inovadora.

II. RELAÇÕES MULTIESPÉCIES

Os entrelaçamentos nas manchas de paisagem que observamos, hoje, são o resultado da influência contínua da presença humana no meio natural ao longo da História. Tsing elabora um entendimento da “globalidade das coisas” a partir do exemplo das regiões envolventes do Pacífico, do seu papel no cenário global e de como os processos económicos, sociais e culturais modelaram as relações em três regiões-chave: Japão, Estados Unidos da América e Ásia-Pacífico.

No caso das florestas, uma parte significativa destes ecossistemas encontra-se hoje fragmentada e destruída, como consequência do forte impacto dos humanos, deliberada ou indeliberadamente desde o começo da exploração Industrial. Nas florestas de Oregon, nos Estados Unidos, esta destruição massiva contribuiu, no entanto, para o aparecimento de uma relíquia, o cogumelo *Matsutake*.

Esta relação contraditória é denominada como “diversidade contaminada” que “implica sobreviventes em histórias de ganância, violência e destruição ambiental” (Tsing, 2015, p. 33). Por outras palavras, e decifrando a analogia, apesar das ações intrusivas das pessoas, surge uma oportunidade única de liberdade para os sobreviventes de guerras e devaneios de motivações imperiais de origem capitalista. Porém, as próprias vítimas acabam por entrar no sistema: “(...) liberdade é a negociação de fantasmas numa paisagem assombrada” (Tsing, 2015, p. 91).

No meio do caos moderno, Tsing fornece ao leitor, por meias palavras, a confirmação de que a Natureza poderá sobreviver sem o ser humano, mas não o contrário. Estamos condenados a esta relação de simbiose. Desta forma, recorre à História para perceber como a sociedade capitalista altera profundamente os processos naturais. Exemplificado por Tsing quando explora a questão da indústria da madeira nas florestas do Norte da América durante o período Industrial, que implicou a conversão da Natureza em algo com valor monetário e produtivo para o Sistema a partir da instalação da monocultura de rápido crescimento, instalando-se assim um ciclo de “processamento” da paisagem e toda a história nela escrita.

É importante destacar que a obra remete para a consciencialização da urgência de mudança de mentalidade da sociedade, que assenta numa conceção de sobrevivência muito enraizada na “conquista e expansão”, alertando que devemos optar por uma mentalidade de “sobrevivência colaborativa” (Pham, 2017) e cooperativa. Não só numa relação Humano-Humano mas, também e com maior importância, no que diz respeito a uma relação Humano-Natureza. Nesta linha de pensamento, a autora desenvolve a questão da precariedade, muito relacionada com a ideia capitalista da individualidade e egoísmo generalizado, que se irá explorar de seguida.

III. PRECARIIDADE E LIBERDADE

O desenvolvimento do modelo capitalista num mundo cada vez mais industrializado e globalizado alterou profundamente a forma como os países se interrelacionam, com uma clara demarcação entre os pobres e ricos. Neste sentido, os países ricos procuraram aumentar o seu lucro e poderio alcançando

auto-suficiência que, por sua vez, alimentou o individualismo não só entre nações, mas também no seio das suas sociedades. É exemplificativo o Período Colonial, em que grandes nações europeias alienavam os povos indígenas das suas terras em busca dos seus recursos, com vista à obtenção de mais-valias. Um exemplo que serviu para a criação da fórmula da modernidade, onde conceitos como escalabilidade, acumulação selvagem, comodidade, estandardização, alienação e precariedade se tornam omnipresentes no dia-a-dia dos indivíduos.

A precariedade é um estado de reconhecimento da nossa vulnerabilidade perante os outros, afirma Tsing, e é nesta condição que, aparentemente, cada vez mais pessoas vivem, ou sobrevivem, presas no *loop* do capitalismo. Podemos observar, no livro em análise, a menção subliminar da criação e reformulação do valor do cogumelo, em que este entra e sai do sistema capitalista, ao longo do seu ciclo, através da atribuição de significado e valor pelos diferentes agentes de intervenção e modelação, sendo estes igualmente modelados pelas culturas, ideias e modos de estar e sobreviver que o imperalismo reformulou.

Remetendo, novamente, para o cogumelo, este floresce em momentos de condições “precárias”. Também a sociedade tem espaço para se reinventar num panorama de precariedade e ruína. A autora refere que, “este livro fala das minhas viagens com cogumelos para explorar a indeterminação e as condições de precariedade, ou seja, a vida sem a promessa de estabilidade” (Tsing, 2015, p. 2). É nessa instabilidade que o *Matsutake* prospera.

A precariedade é, porém, segundo os relatos e entrevistas ao longo da obra, uma forma, ou a única forma, de alguns grupos alcançarem o que entendem por “liberdade”, cujo significado difere nos vários grupos, como é descrito pela autora. Como exemplo, Tsing relata a vinda de emigrantes para os Estados Unidos, enquanto coletores de cogumelos *Matsutake* nas florestas do Estado de Oregon, onde encontram a sua liberdade “percebida”. É aqui que o conceito de liberdade diverge, esta é descrita como “um eixo de comunalidade e um ponto a partir do qual agendas específicas se dividem” (Tsing, 2015, p. 86). A liberdade dos americanos não é a mesma liberdade destes imigrantes.

IV. O CAPITALISMO DO COGUMELO

Capitalismo é sinónimo de acumulação, aproveitando todo o tipo de recursos, como referido por Tsing (2015, p. 133): “o capitalismo é uma máquina de tradução para produzir capital de todos os tipos de meios de subsistência, humanos e não humanos”. Porém, o capitalismo não produz o principal ator deste modelo, a vida humana, o pré-requisito do trabalho.

Perante esta analogia, que acompanha toda a obra, o cogumelo enquanto simulador do mundo capitalista atual e possibilidade de revitalização perante panoramas adversos, a autora debate questões atuais, relacionadas com a industrialização, o consequente crescimento do capitalismo e a instalação da mediocridade dos postos de trabalho, que se mantém até aos dias de hoje e inclusive se afinçou e perpetua.

Tsing descreve, ainda, três tipos de Natureza, a Primeira Natureza, relativa às relações ecológicas, a Segunda Natureza que inclui transformações do ambiente por via da capitalização, e, por fim, a Terceira Natureza, introduzida na obra como novidade e que corresponde a tudo o que se mantém vivo, apesar do capitalismo, podendo denotar-se nesta última o sentimento de esperança e positividade de Tsing.

Nesta positividade, existe um realismo que não podemos deixar de mencionar. A autora faz um excelente trabalho ao dar a conhecer a realidade que o próprio sistema, criticado e dissecado na obra, escondeu e processou, expondo a resiliência e adaptação possível num cenário alienígena e de catástrofe, onde, mesmo na ruína, se encontram soluções e se restauram relações outrora perdidas.

ORCID ID

Margarida Madeira  <https://orcid.org/0000-0002-3556-2682>

Xavier Ferreira  <https://orcid.org/0000-0001-9082-0739>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Pham, Y. (2017). The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. *East Asian Science and Technology an International Journal*, 11(4), 613-616. <https://doi.org/10.1215/18752160-3667933>
- Sullivan, S. (2018). On possibilities for salvaged polyphonic ecologies in a ruined world. *Dialogues in Human Geography*, 8(1), 69-72. <https://doi.org/10.1177/2043820617738835>
- Tsing, A. L. (2015). *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.

ⁱ Menção honrosa, no ano de 2022, do concurso “Livros que contam: descobre um livro e dá-o a conhecer” – parceria entre a Biblioteca do CEG-IGOT (ULisboa) e a *Revista Finisterra*, visando estimular a escrita de sínteses de obras científicas, contribuindo para o reforço do conhecimento, da curiosidade e da criatividade dos estudantes do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT-ULisboa) e entidades parceiras.